

III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Biel Tupã: Autorrepresentação Indígena no Espaço Digital¹

Ana Idalina Carvalho NUNES²

Diego Lucas Nunes de SOUZA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente artigo visa apresentar uma reflexão acerca do impacto das tecnologias digitais sobre os indígenas da Aldeia Ocoy, situada na cidade de São Manoel do Iguaçu (PR), através da atuação do *digital influencer* Biel Tupã. Com perfis no TikTok, Facebook, Instagram e YouTube, Biel publica conteúdos que visam desconstruir a visão estereotipada do indígena brasileiro, mas que também levam importantes conhecimentos para os membros da sua comunidade. Tomando como base o material publicado por ele no YouTube e TikTok, a proposta é tecer considerações sobre a autorrepresentação indígena no meio digital e identificar a ressignificação da vida da aldeia Ocoy, a partir da influência de Biel Tupã.

Palavras-chave: Cultura indígena; Antropologia Digital; Pandemia; Autorrepresentação; Avá-Guarani.

Introdução

O presente estudo consiste em um recorte feito em duas pesquisas de doutorado em andamento, ambas situadas no campo da Antropologia Digital, envolvendo as interações sociais no Free Fire, um *game mobile* desenvolvido e distribuído pela Garena, braço de *games* da Sea Limited, empresa sediada em Singapura, que tem na América Latina, no Sudeste Asiático e na Índia os territórios de maior arrecadação financeira do mundo. O fato de ter *download* gratuito e funcionar até mesmo em aparelhos celulares mais simples explica a explosão no número de usuários, bem como o poder de penetração do *game* até mesmo em regiões mais distantes dos

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 3) O local digital das culturas do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, bolsista FAPEMIG. Email: idalinadecarvalho@gmail.com

³ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, bolsista CAPES. Email: di.lucas2@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

centros urbanos, como, por exemplo, na Reserva Indígena Avá-Guarani Ocoy, situada em São Miguel do Iguaçu, no Paraná.

Lá residem os integrantes da guilda⁴ Los Tribos, do Free Fire, que tem como *gamer influencer* Biel Tupã, que selecionamos como sujeito deste estudo. Ele é responsável pelas redes sociais da Los Tribos e atua também como organizador da Copa Los Tribos, competição indígena de Free Fire.

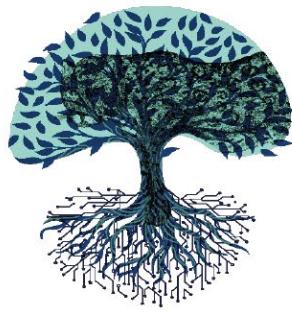
Tomando como referencial teórico o conceito de autorrepresentação em Stuart Hall (2006; 2016), o objetivo deste estudo é lançar luz sobre as duas formas como Biel Tupã se apresenta em suas redes sociais: como um propagador da cultura indígena dos Avá-Guarani, na tentativa de desconstruir o olhar estereotipado sobre os indígenas e também como um jovem que, através da visibilidade que conquistou em suas redes sociais, leva para o seu público vídeos curtos que são uma autorrepresentação do indígena do novo século. A questão principal a que buscaremos responder é: a partir das interações promovidas entre indígenas e não indígenas, qual a influência da tecnologia digital sobre a vida dos indígenas da aldeia Ocoy? Para responder a esta questão, utilizaremos trechos da entrevista com a Los Tribos, vídeos publicados nos canais de comunicação de Biel Tupã, além de trechos de conversas que tivemos, entre 2021 e 2022, pelo WhatsApp.

1. O contato inicial: entrevista com a Los Tribos

Uma guilda do Free Fire dentro de uma aldeia indígena! A primeira reação que tivemos ao encontrar a Los Tribos no Instagram, ainda em dezembro de 2020, foi de êxtase. Eu, Ana Idalina, buscava gamers e guildas para seguir no Instagram e Diego Lucas, colega de trabalho (ambos professores da rede pública) que lidera uma guilda de Free Fire desde 2019, foi quem me passou o contato. A partir do Instagram, consegui também encontrá-los no YouTube e me inscrevi no canal da guilda⁵ em 11 de janeiro de 2021. Após um período inicial de visualização

⁴ Na Idade Média, as guildas eram associações que reuniam grupos que tinham interesses em comum, como, por exemplo, artistas, artesãos e comerciantes. Essas associações tinham como objetivo conseguir maior proteção e benefícios para seus integrantes. No game Free Fire, as guildas continuam a ter o mesmo sentido que tinham na Idade Média: é uma espécie de associação que reúne jogadores e jogadoras, com o objetivo de fortalecer o grupo e obter maiores benefícios e vantagens no jogo.

⁵ Canal da Los Tribos no YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCRsySESPjgU4NejUSJX88jA>. Acesso em: 8 nov. 2022.



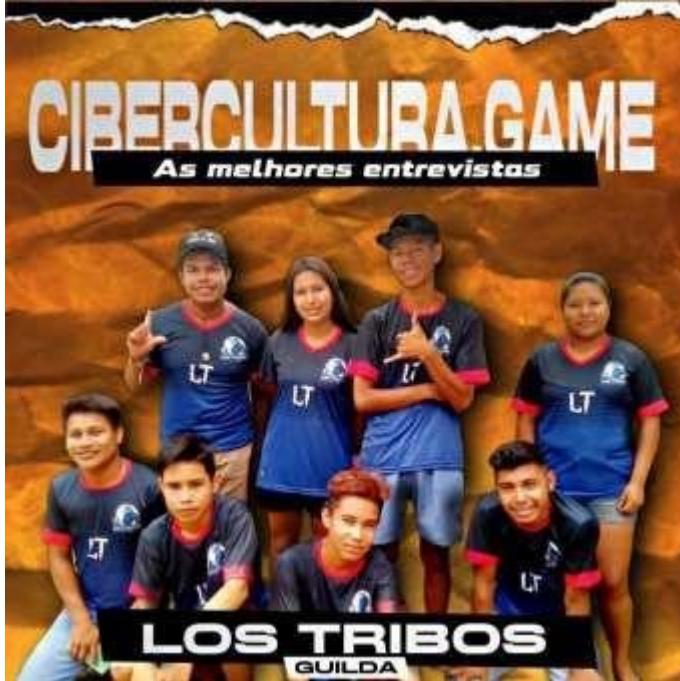
III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

do material que publicavam, fiz contato com o seu influenciador, Biel Tupã, que se tornou um colaborador de fundamental importância para a pesquisa em curso. Nossa primeira conversa se deu pelo direct do Instagram da Los Tribos no dia 14 de outubro de 2021. Eu me apresentei, deixei meu contato de WhatsApp e tão logo ele me adicionou, passei a detalhar para ele a temática, os objetivos, a questão que a pesquisa buscava responder e a importância que a participação da Los Tribos traria para a produção de conhecimento científico. Nesse contato inicial falei também que havia um site e um canal no YouTube, utilizado para compartilhamento de etapas da pesquisa, inclusive de entrevistas.

Figura 1. Banner de divulgação da entrevista com a Los Tribos no YouTube.



Fonte: Arte gráfica de Arkan sobre foto enviada por Biel Tupã.

Assim, a proposta que levei para ele foi de que eles mesmos se gravassem em vídeo, como se estivéssemos realizando uma transmissão ao vivo. Eu enviaria as perguntas, eles gravariam as respostas e, quando me enviassem o material, eu me gravaria fazendo a entrevista e editaríamos o vídeo completo. Ele levou as informações para a liderança da guilda e todos concordaram em participar. A partir de então, enviei para ele o roteiro com orientações de filmagem e as perguntas, em documento que continha também o convite oficial, relatando todos os detalhes sobre a pesquisa e informações sobre mim. Nesse roteiro, eu solicitava algumas



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

informações mais gerais sobre a Los Tribos, para apresentar na abertura da entrevista. Biel Tupã enviou, em documento de texto, uma lauda com um breve histórico sobre a guilda, que abaixo transcrevo:

Guilda indígena Los tribos

A guilda Los tribos foi criada no dia 28/08/2020 e conta com todos os membros indígenas da etnia Avá-guarani, da aldeia chamada Tekoha Ocoy, que está localizada no Oeste do estado do Paraná, no município de São Miguel do Iguaçu. No começo, a guilda era composta apenas por 4 integrantes, mas, com o passar do tempo, a guilda foi recebendo mais membros - tanto do gênero masculino como feminino. Todos os membros são da mesma etnia e moram na mesma aldeia e, atualmente, a guilda é composta por 10 integrantes. O líder da Los Tribos se chama Osmar Karai Miri Poty Ramos que tem a idade de 23 anos; e o vice se chama Leonardo Tupã Rerojogueraa Gonzales, tem a idade de 20 anos. Mas a guilda não tem limite de idade dos membros, a guilda tem jogadores de todas as idades e o objetivo da guilda é mostrar que todos podem jogar na humildade, sem desvalorizar ninguém, e jogar com respeito. Além deste, o objetivo é participar de campeonatos organizados por indígenas e não indígenas e, quem sabe, participar de campeonatos grandes e mostrar que os indígenas estão presentes no mundo de jogos online e que todos têm a capacidade de jogar e de tirar esse pensamento da sociedade não indígena de que [...] o indígena só mora no mato e que está afastado do mundo atual.

Todo o material para a produção do vídeo foi enviado por Biel Tupã no dia 28 de outubro e a entrevista protagonizada por ele contou com uma significativa participação do vice-líder Leonardo González e ainda com a fala do líder Osmar Ramos e dos outros integrantes da guilda. Transcrevemos abaixo a parte inicial da entrevista, que foi publicada no dia 30 de outubro de 2021.⁶

E aí rapaziada, tudo bem com vocês? Então, me chamo Gilmar Chamorro, mais conhecido como Biel Tupã por causa do meu trabalho como youtuber e também faço vídeos em várias plataformas digitais onde divulgo trabalhos, vídeos, né? Sobre a questão da minha cultura indígena, que é a cultura indígena Ava-guarani. Então... eu sou aqui do Estado do Paraná, moro numa aldeia indígena chamada Ocoy que fica aqui no município de São Miguel do Iguaçu. E aqui na nossa aldeia moram indígenas da etnia Ava-Guarani. Então... além de ser *youtuber*, eu também sou professor de Língua Materna aqui na minha aldeia e também sou estudante do curso de Geografia (licenciatura) da Universidade Federal da Integração Latino-

⁶ Entrevista com a guilda indígena Los Tribos – Série Guildas do Free Fire. Canal Cibercultura.Game, 30 out. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/ZbMTqn1xfjY>. Acesso em: 28 out. 2022



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Americana (UNILA), que fica em Foz do Iguaçu. Além disso, nos meus tempos livres, eu faço parte da guilda Los Tribos, que é uma guilda indígena da etnia Ava-Guarani, onde todos os membros moram aqui na minha aldeia e são de várias idades. Então não tem limite de idade, pode ser mais jovem ou pode ser mais adulto, não tem limite de idade - o único requisito é que os membros sejam moradores aqui da nossa aldeia e que sejam indígenas da etnia Ava-Guarani, pra ficar mais fácil da gente se comunicar, de poder planejar projetos juntos e pra gente, sempre que tiver oportunidade, fazer um encontro aqui na nossa aldeia pra gente jogar, conversar e se divertir.

Não apenas Biel Tupã, mas outros membros da Los Tribos são estudantes de licenciatura na UNILA: alguns estão na área da Geografia, outros cursam História e outros ainda Pedagogia - são estudantes que já atuam como professores dentro da aldeia e suas rotinas não diferem muito do cotidiano dos que trabalham, estudam e jogam Free Fire nos grandes centros urbanos. Um dos maiores problemas que os indígenas da aldeia Ocoy enfrentam para jogar é a conexão com a internet. Leonardo González, vice-líder da Los Tribos, explica que a conexão de internet “na hora do treino assim ela cai, é meio ruim de jogar, não dá nem pra entrar no jogo. Aí, como nós moramos na aldeia assim ... bem pra baixo... é ruim de pegar o sinal, mas com tempo bom, céu limpo, aí a conexão é boa”. Osmar Ramos, líder da guilda, complementa que, “pra jogar campeonato, a gente sempre joga na nossa casa mesmo, a nossa organização é assim né?...O problema é a rede de wifi, às vezes não pega direito, às vezes cai o sinal...”. Leonardo González explica como são realizados os treinos para campeonatos:

O líder da guilda marca um horário certo para que todos os membros possam entrar, jogando todos juntos. O horário seria das 20:30 até às 21:30, é sempre assim, porque alguns membros é...na verdade todos nós, membros (eu por exemplo, faço a faculdade e aí tenho pouco tempo livre assim pra jogar o jogo com os meus colegas) ... a maioria dos nossos membros estudam. O estudo é mais importante, né? E aí a gente não pode deixar de lado, pra que esse jogo possa não nos atingir, aí só na parte do treinamento que, às vezes, dificulta pra nós - os membros - jogarmos todos os dias ou três, quatro vezes por semana. É... nesse caso a gente sempre faz treino só de 20:30 às 21:30, duas vezes por semana. Já no sábado e domingo, por exemplo, aí é um pouco mais difícil, porque algumas atividades acontecem também aqui dentro da aldeia, nós temos que participar também.

Dentro do Free Fire, Biel Tupã explica que a Los Tribos é uma guilda diferente das outras e o seu diferencial é o fato de ser uma guilda que representa a cultura indígena. Por conta disso, eles acabam chamando mais a atenção da mídia – é por meio da visibilidade que eles conseguem espaço para falar da luta pelos direitos dos povos indígenas, para mostrar que os



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

indígenas não são um grupo social restrito apenas ao espaço das aldeias, que hoje estão presentes em vários espaços. Segundo ele, existem várias aldeias e algumas lideranças indígenas que apoiam os campeonatos entre aldeias, organizados pela Los Tribos. Quando esses campeonatos acontecem, explica Biel,

Cada aldeia participa, enfim, e eles acabam torcendo para a guilda que está representando a aldeia deles, e é uma forma da gente interagir entre as aldeias, né, entre o pessoal de outras aldeias, de outras regiões, de outras etnias, então isso traz muita importância pra nós, principalmente pra nós, jovens, que jogamos o Free Fire, né? [...]

Biel ressalta que essa integração entre aldeias possibilita “uma diversidade imensa de culturas, de etnias indígenas existentes”, considerando que há várias aldeias com guildas de Free Fire e que muitas delas participam dos campeonatos organizados pela Los Tribos. Além disso, segundo ele, a visibilidade que a aldeia vem alcançando, através do Free Fire lhes permitiu conhecer pessoas com um interesse real em compreender a cultura indígena Ava-Guarani. Por outro lado, ele e outros jovens da aldeia Ocoy também acabam enfrentando o preconceito, o que torna ainda mais importante o papel deles, pois há a chance de levar informação para que as pessoas compreendam melhor a cultura indígena. Ele ressalta que “a mídia está cheia de informações e a gente sabe que nem todas as informações são verdadeiras, principalmente quando se trata da questão indígena”. O próprio nome da guilda, segundo ele, é uma ironia diante dos equívocos que as pessoas cometem, por não buscarem conhecimento sobre a cultura indígena. “Los Tribos” é uma espécie de crítica ao preconceito, uma sátira, conforme ressalta Biel Tupã:

A gente leva o nome Los Tribos porque “tribos” é um termo muito inadequado né, pra falar sobre indígenas, porque o certo seria indígenas, indígenas originários, nativos originários, enfim. [...] Tribos é um termo muito inadequado, então a gente vê como um deboche pro pessoal da sociedade não indígena, pra mostrar, olha, Los Tribos estão presentes no mundo atual, nos jogos *online*, nas tecnologias, então eles não estão afastados, eles estão presentes no mundo dos *games*, então o nosso nome Los Tribos da nossa guilda traz isso, de impactar o pessoal quando vê “Los Tribos, nossa! Tribo não é aqueles povos que moram na mata, é... aqueles povos que moram na floresta, que estão afastados da sociedade?” Não, estamos aqui! Somos a Los Tribos e esse é o objetivo também da nossa guilda, de levar pra frente a nossa cultura, de levar a visibilidade, de mostrar a importância de a gente sempre estar ocupando os espaços.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

O período de produção da entrevista foi permeado de muitas conversas com Biel Tupã, o que permitiu conhecer mais a fundo o seu trabalho como influenciador, não apenas da Los Tribos, mas da cultura Ava-Guarani. Ele transmite, em seus vídeos curtos no Instagram e TikTok, conhecimentos acerca da cultura de seu povo e busca sensibilizar as pessoas para as mais sérias questões que envolvem os indígenas do sul do Brasil. Ao me enviar imagens para ilustrar a entrevista, por exemplo, Biel enviou foto de uma maquete que, segundo ele, fica exposta na escola onde leciona, em uma sala que funciona “como se fosse um memorial da aldeia, onde há várias imagens, artesanato, trabalhos dos alunos”.

Figura 2 – Maquete que mostra a aldeia Ocoy



Fonte: Foto enviada por Biel Tupã

Essa exposição foi criada para que os visitantes que chegam à escola possam conhecer mais sobre a aldeia Ocoy. Ao enviar a foto, que ele mesmo tirou com seu celular, Biel descreveu a aldeia, apontando as preocupações dos indígenas da etnia Ava-Guarani da aldeia Ocoy com relação ao agronegócio:

Então essa é a nossa aldeia - como você pode ver, a nossa aldeia é bem pequena e fica à beira do lago que é o lago da Itaipu e você pode perceber que em volta dela tem... a maioria são plantações dos colonos do agronegócio, então a gente sofre bastante por causa dessa questão dos agrotóxicos que são usados pelos colonos nas suas plantações e a gente sofre muito quando chove, principalmente os agrotóxicos, essas coisas, quando chove vai tudo lá no nosso lago e acaba contaminando o nosso lago.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Então as águas do lago, a gente não consegue beber e a gente tem o risco de pegar doenças por causa disso. E, além disso, a gente sofre por conta da questão do espaço, que hoje tem mais de 150 famílias e 900 pessoas morando na aldeia, então imagina o espaço que tá faltando pra gente - tanto pra gente morar quanto pra fazer nossas plantações.

Assim, através das várias conversas que tivemos pelo WhatsApp, Gilmar Chamorro, o Biel Tupã, conseguiu despertar em nós um desejo muito grande de visitar a aldeia e conhecer todos os membros da Los Tribos de perto. Através do seu perfil no Instagram, conseguimos, inclusive, participar de celebrações da aldeia, em tempo real, acompanhar atividades cotidianas, conhecer a cultura Ava-Guarani.

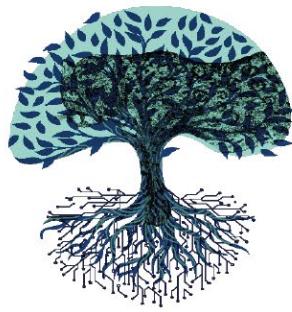
Figura 3 – Biel Tupã em duas versões: indígena e *gamer influencer*



Fonte: Montagem de Ana Idalina, feita com fotografias enviadas por Biel Tupã

Embora o contato com Biel tenha ocorrido em 2021, foi apenas a partir da possibilidade de vir a participar do III Congresso Internacional de Cidadania Digital que voltamos a atenção para o seu trabalho para além da Los Tribos. Ele é estudante de graduação em Geografia pela UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Foz do Iguaçu, PR) e atua como professor da rede pública estadual do Paraná, lecionando as disciplinas Língua Materna, Laboratório de Escrita e Audiovisual na Aldeia Ocoy. Em 2021, ele lecionava também Geografia e utilizou o seu canal no YouTube⁷ para apresentação de algumas dinâmicas desenvolvidas com estudantes da aldeia.

⁷ Canal Biel Tupã. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCtB6iaftp6FJAh37N2lwEYw>. Acesso em 28 out. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Youtuber, produtor de conteúdos, cinegrafista amador – todas essas atividades integram a atuação de Biel Tupã como influenciador da cultura indígena no meio digital. Presente nas redes sociais YouTube⁸ (921 inscritos), Instagram⁹ (4.696 seguidores), TikTok¹⁰ (13.700 seguidores) e Facebook¹¹ (1.300 seguidores), Biel se apresenta como “*Digital Influencer Guarani*” e publica conteúdos voltados para o ensino da Língua Guarani, para a divulgação da cultura indígena e para a interação entre culturas.

2. A representatividade de Biel Tupã na aldeia Ocoy

O canal do YouTube de Gilmar Chamorro, o Biel Tupã, foi criado no ano de 2016 e teve seu primeiro vídeo publicado no dia 15 de abril: trazendo uma curta apresentação em que os irmãos Gilmar (Biel Tupã) e Milena Chamorro dançam a música “Amor de Chocolate”, de Naldo Benny, que tocava muito nas paradas de sucesso naquele período. Na época, ele era um estudante do terceiro ano do ensino médio na Escola Estadual Diamante D’Oeste, na cidade de mesmo nome, estado do Paraná. Mas foi apenas a partir do dia 14 de maio de 2019 que ele passou a publicar conteúdos sobre a cultura indígena Avá-Guarani, sendo o maior número de vídeos publicados a partir da pandemia (2020-2021). Os vídeos dialogam tanto com indígenas como com os não indígenas – para os primeiros, Biel busca levar informações úteis e confiáveis, especialmente sobre assuntos sobre os quais circulam muitas *fake news* na internet, mas também apresenta vídeos que divulgam o trabalho e projetos realizados no Colégio Indígena Teko Ñemoingo da aldeia Ocoy, onde é professor. Nos vídeos direcionados aos indígenas, Biel busca usar uma linguagem que ele, de forma divertida, apresenta como a língua “portuguarani”, uma mistura entre a língua portuguesa e guarani, que visa promover uma compreensão mais ampla das suas falas.

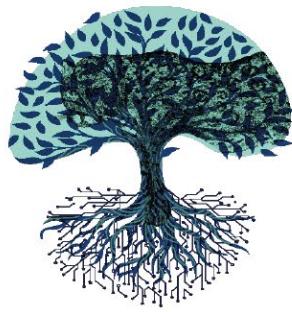
Para os não indígenas, Biel Tupã traz uma espécie de autorrepresentação que, segundo ele, leva à sociedade uma visão mais real da sua cultura, que tem como objetivo desconstruir

⁸ Canal Biel Tupã. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCtB6iaftp6FJAh37N2lwEYw>. Acesso em: 8 nov. 2022.

⁹ Perfil Biel Tupã no Instagram: [@biel_tupa](https://www.instagram.com/biel_tupa). Acesso em: 8 nov. 2022.

¹⁰ Perfil de Biel Tupã no TikTok: [@bieltupa](https://www.tiktok.com/@bieltupa). Acesso em 8 nov. 2022.

¹¹ Página de Biel Tupã no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/bieltupa>. Acesso em: 8 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

estereótipos e favorecer a compreensão do indígena enquanto cidadão brasileiro como todos os outros, com os mesmos direitos e possibilidades de atuação nos mais diversos ambientes.

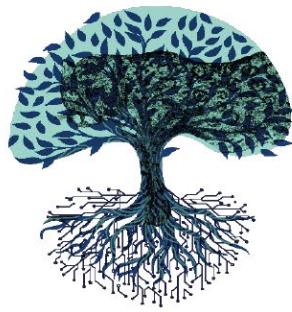
Entre os vários conteúdos publicados, selecionamos dois vídeos que deixam bastante clara a preocupação da comunidade acadêmica de indígenas a respeito do impacto da internet sobre o comportamento de crianças e jovens da aldeia e sobre os prejuízos que causa a disseminação das informações falsas ou distorcidas, especialmente sobre os indígenas mais velhos da aldeia.

Em um vídeo intitulado “Respondendo dúvidas sobre as vacinas do covid-19 (em portuguarani)”,¹² Biel Tupã aparece dentro da sua casa em um cenário previamente organizado, boa luminosidade, câmera próxima do rosto e, ao fundo, na parede de madeira da sua sala, adereços indígenas pendurados e um fio com pequenas luzes azuis. Ele veste uma camisa de malha cinza e tem uma caneta na mão – esta caneta está presente em grande parte dos seus vídeos. Ele inicia apresentando o seu objetivo de trazer informações sobre a vacina contra a Covid-19 para os indígenas, especialmente para os Avá-Guarani da aldeia Ocoy, onde ele vive. Depois da fala introdutória e da exibição da vinheta, Biel Tupã passa a falar na língua Guarani e língua portuguesa, simultaneamente. Assim, as falas aqui transcritas foram produzidas a partir da tradução feita por Biel e inserida como legenda no vídeo.

Através da fala de Biel, é perceptível que há uma grande desconfiança, por parte dos indígenas de sua aldeia, especialmente dos mais idosos, com relação à vacina. Conforme relata Biel Tupã, no vídeo,

Então eu trouxe algumas informações para passar a vocês. Não porque eu sei tudo sobre isso, não é porque eu sou profissional. Mas sim, devemos sempre passar algumas informações para os nossos parentes se informarem também. Para que eles não tenham muito medo por conta de algumas informações que chegam até nós. As informações que mais chegam são pelas redes sociais, para aqueles que usam WhatsApp, Facebook. E muitas vezes o que chega até nós e repassamos para outras pessoas... muitas vezes essas notícias, informações que chegam até nós, não são avaliados, não procuram saber se é verdadeira ou não. Quando chegam essas informações sobre a vacina, as pessoas só repassam para outras. Não pesquisam, não procuram saber se é verdadeira ou falsa. Por causa dessas informações que são recebidas e repassadas, por causa disso não sabemos se é verdade ou não. E muitas vezes, em nossa comunidade indígena, tem as mulheres e homens mais idosos que não usam as redes

¹² Vídeo publicado no dia 21 de janeiro de 2021. Tempo de duração: 53 minutos. Disponível em: <https://youtu.be/dd07hBia3Ds>. Acesso em 10 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

sociais, não usam celular, notebook, que não sabem como usar. Como eles vão saber se as notícias e informações são verdadeiras ou não? Muitas vezes os jovens e até mesmo adultos só repassam as informações que chegam para eles – falam as informações para eles, mesmo não tendo a certeza se é verdade ou não as informações.

Como disse Biel, em conversas anteriores que tivemos e mesmo na entrevista com a guilda Los Tribos, os indígenas não são selvagens, eles acessam a internet, eles jogam *games*, eles também estão presentes no ambiente digital. Segundo a professora Délia Takúa¹³, “essa tecnologia veio, de fato, pra fortalecer a cultura também, mas, ao mesmo tempo, é uma questão que pode ser negativa para os nossos jovens de hoje em dia”, pois há, segundo ela, muitas informações na internet que não condizem com a verdade e isso acaba interferindo até mesmo na forma como crianças e jovens indígenas compreendem a própria cultura. Com um notebook ou celular à mão, as pesquisas escolares sobre a própria cultura indígena são feitas com base na internet, os estudantes indígenas já não buscam os mais velhos para responderem a questões relacionadas aos costumes do povo. Outro ponto destacado por ela é a questão das informações falsas que os jovens recebem pelos grupos de WhatsApp e Facebook e disseminam entre os adultos e idosos, gerando medo. De acordo com ela, essa tecnologia pode influenciar mal nossos jovens:

é... porque, de fato, é muita novidade para a nossa comunidade que até os pais não conseguem acompanhar ainda os filhos nessa questão de tecnologia, eles não têm esse conhecimento de como orientar, como orientar os filhos a usar essa tecnologia da maneira correta e incorreta. E... através disso, pode causar mau visão do povo indígena da outra etnia, também e quanto ao não indígena, porque a tecnologia ela é muito avançada hoje em dia e acaba...esse lado negativo acaba prejudicando os povos indígenas no mau uso da tecnologia.¹⁴

Esse mau uso da tecnologia de que a professora Délia fala trouxe grandes prejuízos para a aldeia Ocoy, especialmente no período da pandemia, com a disseminação de *Fake News* sobre a vacina contra a Covid-19, que despertaram muitas dúvidas, desconfiança e medo entre os Avá-Guarani, conforme ressalta Biel no vídeo informativo sobre a vacina, publicado em 21 de janeiro de 2021:

¹³ Délia Takúa Yju Martínes é professora do Colégio Indígena Teko Ñemoingo e acadêmica do curso de Pedagogia da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana).

¹⁴ Entrevista: Professora Delia Takúa com bate papo com Biel Tupã sobre a tecnologia e o povo guarani. Vídeo publicado em 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/UjDFJRsoLMo>. Acesso em: 10 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

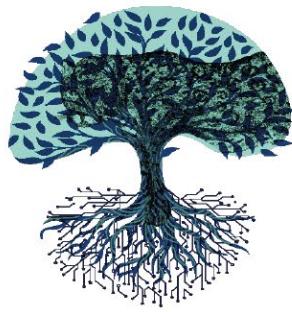
De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Não podemos esquecer que o nosso próprio governo do Brasil, sempre em televisão, em entrevistas, sempre fala que a pandemia nunca existiu. Que é normal morrer. Especialmente o nosso presidente atual, sempre falou besteira, sempre fez brincadeiras com essa doença. Que, segundo ele, aqueles que se vacinarem viram um jacaré. Ele nunca respeitou outras famílias que foram infectadas com o vírus. Ele sempre desrespeitou com os cuidados que devemos ter. Como, por exemplo: ele não usa máscaras quando tem bastante pessoas perto. Isso que o nosso presidente da república faz ... sempre ficou contra, não quer comprar a vacina, não quer ajudar com os medicamentos, seringas que serão usadas para a vacina. E também vale lembrar que ele sempre foi contra nós, povos indígenas. Sempre falou por entrevistas que ele não vai dar mais nenhum centímetro de terra aos povos indígenas. Com isso, sempre vamos ter dúvidas sobre ele e sempre não vamos acreditar nele.

Quando o discurso oficial do governo se torna motivo de desconfiança, o caos se estabelece. Biel esclarece que, depois de quase um ano de pandemia, “mais de 5 mil indígenas que morreram”. Além das mortes, ele destaca que há inúmeros outros “que ficaram com sequelas da pandemia. Foram 50 mil indígenas infectados, segundo as informações passadas pela APIB¹⁵”. A entrevista com a professora Délia foi, realmente, um bate-papo descontraído ao ar livre ao som do canto exaltado de uma variedade de pássaros. E, da forma como foi conduzida a conversa, ela veio atender aos dois públicos: de indígenas e de não indígenas – para os primeiros, os esclarecimentos sobre os riscos do mau uso da internet foi um alerta. Todavia, a segunda parte do vídeo traz importantes conhecimentos para nós que trilhamos o campo da Antropologia, principalmente, e remete a Roy Wagner, quando Délia chama a atenção sobre um aspecto importante: ainda que os indígenas utilizem o meio digital para explicarem a sua própria cultura para os não indígenas, eles podem não conseguir apreender o sentido do que está sendo dito – porque não são indígenas. Assim, comumente, nós, os não indígenas, “inventamos” a cultura indígena:

O estudo ou representação de uma outra cultura não consiste numa mera “descrição” do objeto, do mesmo modo que uma pintura não meramente “descreve” aquilo que figura. Em ambos os casos há uma simbolização que está conectada com a intenção inicial do antropólogo ou do artista de representar o seu objeto. Mas o criador não pode estar consciente dessa intenção simbólica ao perfazer os detalhes de sua invenção, pois isso anularia o efeito norteador de seu “controle” e tornaria sua invenção autoconsciente. Um estudo

¹⁵ APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) é uma associação nacional de entidades que representam os povos indígenas do Brasil.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

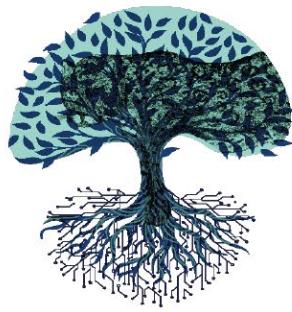
De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

antropológico ou uma obra de arte autoconsciente é aquele que é manipulado por seu autor até o ponto em que ele diz exatamente o que queria dizer, e exclui aquele tipo de extensão ou autotransformação que chamamos de "aprendizado" ou "expressão" (WAGNER, 2010, p. 40).

O que despertou o surgimento dessa questão sobre a dificuldade de compreensão da cultura do outro foi a explanação feita por Biel na parte final, acerca do trabalho que ele realiza nas redes sociais para o fortalecimento da cultura indígena. Ele explica que sempre teve “o pensamento de que a tecnologia é uma forma muito utilitária - isso na minha opinião - de mostrar um pouco mais da nossa cultura. O meu canal visa mostrar a realidade, né... do nosso povo”. Biel também destacou a existência de *sites* que trazem conteúdos que buscam também mostrar a realidade dos povos indígenas, mais especificamente do povo guarani e, a partir dessa apresentação geral, perguntou à professora Délia qual era a importância de utilizar as redes sociais e *sites* para mostrar a cultura dos indígenas – ao que ela respondeu, apresentando a questão acima abordada, acerca da dificuldade que os não indígenas podem ter em compreender a cultura indígena. Na visão dela, o fato de “ter o seu próprio canal de mostrar para o pessoal não indígena o que a gente tem ainda dentro da aldeia, na minha visão é muito importante, desde que você tenha o cuidado de como trazer esse conhecimento para não indígenas”. Segundo Délia, alguns conhecimentos devem ser mantidos em sigilo, restritos apenas às comunidades indígenas, sob o risco de serem usados para prejudicá-los, de alguma forma:

Mas tem ... todas certas coisas que a gente tem que ter limite, né? Daonde que a gente vai partir, daonde que a gente vai parar... porque a nossa cultura é bem diferente em bastante coisas que pode ser conhecida lá fora e tem bastante coisa que pode ficar só para a aldeia, para o nosso conhecimento, é pra levar para as nossas gerações. Porque tem coisa que só a gente vai entender, saber como é que funciona, como é que a gente comprehende essa questão. Não adianta a gente levar isso pra fora porque os não indígenas não vão ter essa visão como a gente tem sobre a nossa própria cultura. E você falou sobre o site, sobre a questão guarani... também é importante, até pra mim, porque quando a gente, estudante ou acadêmico de todas assim, de curso, a gente pode também pesquisar nesses sites, conhecer mais um pouco da outra aldeia, a visão do outro [...]

Entre os vídeos presentes no canal de Biel Tupã, vale ainda destacar aqueles que mostram as atividades extraclasse da disciplina de Geografia, ministrada por Gilmar (Biel Tupã) e a professora Janaína em 2021. São aulas ministradas em movimento, professores e estudantes explorando o território da aldeia, numa aula sobre territorialidade, em que se aborda



a questão da demarcação das terras indígenas¹⁶. Ao todo são 32 vídeos abordando meio ambiente, cultura indígena, política, saúde e relatos de experiências.

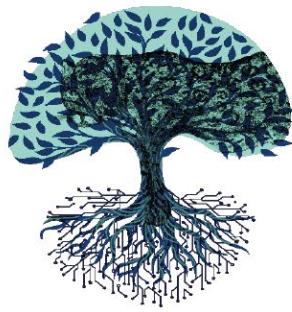
3. A autorrepresentação indígena em vídeos do TikTok

Seja através da hegemonia estatal ou da articulação da sua identidade étnica como política, fato é que a identidade indígena passou por muitas transformações até chegar ao momento atual, em que eles buscam uma ressignificação com o objetivo de alcançar novas possibilidades sociais. Em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall (2006) destaca que todos aqueles que pertencem às culturas tidas como híbridas vêm sendo forçadas a renunciar ao projeto de redescobrir “qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico”, ou seja, as culturas, grupos sociais e pessoas que integram esse universo considerado ‘híbrido’ estão, conforme ressalta ele, traduzidas de uma forma que é irrevogável e, dessa forma,

[...] devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia (HALL, 2006 p. 89).

Através dos vídeos curtos postados por Biel Tupã no TikTok que, diferente do YouTube, não traz o discurso verbal, mas apenas visual, a autoafirmação da sua identidade indígena soa como resistência, protesto contra o preconceito com os quais ele se depara em pleno século XXI. A grande visibilidade que se tornou possível a partir das tecnologias digitais tornou possível romper com os limites territoriais das aldeias e apresentar ao mundo o empoderamento e o protagonismo de povos indígenas do Brasil dentro das universidades, nas redes sociais, na política, enfim, em todos os setores da sociedade. Os vídeos de Biel na plataforma TikTok apresentam a sua dupla identidade, através de duas linguagens culturais que dialogam entre si: o uso do cocar, das pinturas indígenas fazem parte de um mesmo roteiro que apresenta as conhecidas “dancinhas” do TikTok, coreografias de músicas que são verdadeiras ‘febres’ na internet. Vale ressaltar que, em vários desses vídeos, aparece a dança, a música, a imagem indígena e legendas que visam desconstruir estereótipos ainda presentes na sociedade acerca do

¹⁶ Demarcação já. Aula ministrada pelos professores Gilmar e Janaína. Vídeo publicado no dia 21 de agosto de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/qloQgvjRIyk>. Acesso em: 10 nov. 2022.



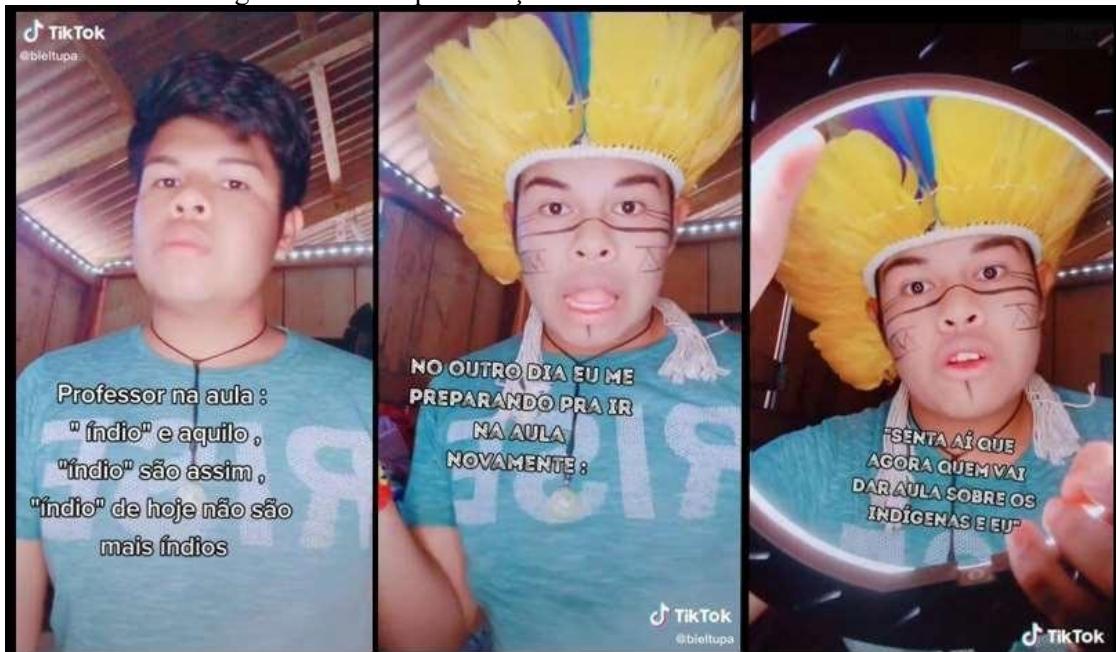
III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

indígena, como nas cenas abaixo, reproduções de trechos de um vídeo que tem, como legenda: “Em pleno século 21, até nas universidades, a cultura indígena ainda é vista de forma pejorativa”. Na publicação, Biel colocou as hashtags: #indigenaa; #universidadefederal; “descolonizando. A música de fundo é de “La Banda” (remix).

Figura 4. Autorrepresentação como forma de resistência.



Fonte: Colagem feita por Ana Idalina, a partir de prints do vídeo no TikTok.

Diante desse incômodo causado nos diversos espaços onde os indígenas estão presentes na atualidade, Biel Tupã utiliza a sua visibilidade digital para tentar descontruir essa representação negativa dos indígenas, que foi sendo construída histórica e socialmente no território brasileiro. Entretanto, mesmo quando não se obtém êxito em mudar essa realidade incômoda, a autorrepresentação indígena possibilita que os membros desses grupos híbridos consigam maior visibilidade para reivindicar o poder de fala para a luta contra estereótipos e narrativas equivocadas. A esse respeito, vale a pena citar Terry Eagleton (2005), sobre a liberdade que cada pessoa ou grupo deve ter para especificar socialmente quem é ela é, quem quer se tornar – e isso só se torna possível, justamente, quando é possível considerar a diferença. Segundo ele, “As formas mais inspiradoras são aquelas em que é exigida uma igualdade com os outros, uma igualdade para ser livre de decidir aquilo que se gostaria de ser.” (EAGLETON, 2005, p. 91).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

A imagem abaixo, produzida a partir de prints de um vídeo postado por Biel Tupã, sob a legenda “Indígenas LGBTQIA+ existe sim e merece respeito assim como todos merecem”. Ao fundo, a música “Vermelho” de Glória Grove.

Figura 5. A questão de gênero entre indígenas.

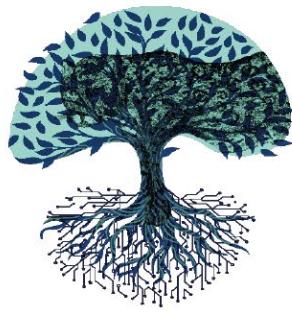


Fonte: Montagem feita por Ana Idalina, a partir de prints do vídeo no TikTok

Na autorrepresentação indígena, especialmente considerando o rompimento dos limites de seu território para além dos limites físicos das aldeias a partir da expansão da internet, surgem questões importantes que eles trazem a público, através de suas redes sociais, que englobam justamente os aspectos apontados por Hall (2006), que envolvem a afirmação da diferença cultural, linguística, étnica entre indígenas e não indígenas. Entretanto, pelo caráter desterritorializado do mundo digital, os indígenas se deparam com a pluralidade cultural de uma forma muito mais ampla, o que potencializa o processo de transformações na forma como significam o mundo e a própria vida.

Considerações finais

A inclusão digital promoveu uma ressignificação total da vida nas aldeias e isso não significa que a cultura indígena tenha perdido sua pureza. Conforme disse a professora Délia



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

em sua conversa com Biel Tupã, há conhecimentos que pertencem às futuras gerações indígenas e devem ser resguardados. Por outro lado, o conhecimento que adentra as aldeias pelas telas de notebooks e celulares amplia os sonhos dos mais jovens e isso interfere na construção de papéis sociais: os leva às cadeiras das universidades, aos cargos políticos, à atuação docente, à ocupação de cargos que, há algumas décadas, não lhes eram acessíveis. Todavia, parece que não estamos preparados para o ritmo acelerado das transformações que estamos vivendo. Se, por um lado, as famílias indígenas não sabem ainda como guiar seus filhos pelos caminhos tortuosos e escorregadios do ciberespaço, os não indígenas vivem o drama da desconstrução de imagens e padrões que lhes foram transmitidos pela educação, pela história, pelo poder dominante. O ‘índio’, para grande parte dos brasileiros, é uma espécie de lenda, alegoria, fantasia, não humano. Ver o indígena vestido como eles, utilizando tecnologias, isso lhes soa como uma destruição da cultura indígena. Diante desse cenário, Biel foi para as redes sociais para fazer o que escolheu como profissão: foi ensinar, foi levar conhecimentos para tirar da ignorância os que se acreditavam escolarizados.

O preconceito, a injustiça, a negação de direitos – tudo isso incomoda profundamente Gilmar Chamorro, esse jovem indígena de 23 anos que reage e afirma sua identidade indígena em forma de imagem, de som, de arte. Ao permitir ser visto por inteiro, ele permite que seja criada uma identidade entre indígenas e não indígenas – mostra o quanto somos todos semelhantes em nossa humanidade. Biel é múltiplo e uno – reúne sob tantas faces a verdadeira face do Brasil.

Se ele exerce influência sobre sua aldeia? É bem provável que crianças e adolescentes o imitem em seus gestos e falas, mas, sobretudo, em sua determinação na busca por visibilidade para garantir para si e para os outros indígenas os espaços que ele sabe serem seus por direito.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Referências

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11^a ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Editorial: PUC-Rio: Apicuri. Rio de Janeiro: Brasil, 2016. 264 p.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. S. Paulo: Editora 34, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura**. S. Paulo: Editora 34. 1993.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.